



ECOS DA LEITURA DE LITERATURA INFANTIL NEGRA NAS VOZES DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL

*Manoilly Dantas de Oliveira*¹

*Gildene Lima de Souza Fernandes*²

*Juliana de Lima Melo*³

*Alessandra Cardozo de Freitas*⁴

Eixo temático 7: Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo

O artigo nasce da necessária discussão acerca da presença da literatura infantil negra na formação inicial dos pedagogos, quando completamos 20 anos da promulgação da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que obriga a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a História e Cultura Afro-Brasileira. Tem por objetivo investigar se os discentes, sujeitos da pesquisa, reconhecem possibilidades de contribuições da leitura de literatura infantil negra para a própria formação, bem como identificar a natureza dessas contribuições. Consiste em pesquisa de cunho qualitativo que, à luz dos princípios da análise de conteúdo, tendo como *corpus* excertos do último registro em portfólios dos 52 discentes. Esses instrumentos foram elaborados ao final do componente Teoria e Prática de Literatura II, no âmbito da pesquisa “Literatura infantil negra em sala de aula: debatendo a cor do silêncio”. Fundamenta-se em estudos sobre o ensino de literatura e a educação para as relações étnico-raciais. Os discentes sinalizaram contribuições da leitura de LIN quanto à formação pessoal e docente, destacando a ampliação de repertório de literatura; a ampliação dos conhecimentos étnico-raciais; o reconhecimento das próprias identidades negras e os modos de aprendizagem com os pares, articulada ao pensamento divergente.

Palavras-chaves: formação inicial; leitura; literatura infantil negra; relações étnico-raciais.

Introdução

Canto das três raças

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativo

¹Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda do PPGEd/UFRN. Contato: manoillydantas@gmail.com

²Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda do PPGEd/UFRN. Contato: gilsouzafernandes@gmail.com

³Doutora em Educação pela UFPE. Professora do Magistério Superior da UFRN. Contato: ju.mlima@yahoo.com.br

⁴Doutora em Educação pela UFRN. Professora do Magistério Superior da UFRN. Contato: alessandracardozof@yahoo.com.br

E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
Do Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

[...]

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor [...]

(Canção de Clara Nunes)

Os versos que iniciam esta reflexão demonstram o potencial da arte para abordar dilemas humanos. De forma sutil, porém impactante, a tristeza, a revolta e o lamento de várias etnias que constituem o povo brasileiro são mencionadas na voz de Clara Nunes. A canção denuncia a retirada da liberdade de povos indígenas, de negros e também de brancos que se colocaram contra o regime colonizador e escravista que se instituiu em nosso país, desde o advento do “descobrimento”. Povos esses que tiveram não apenas seus corpos aprisionados, mas também suas vozes. E, durante muito tempo, parece mesmo que “ninguém os ouviu”.

Em exaltação ao respeito étnico-racial, este artigo analisa dados produzidos por discentes do curso de Pedagogia Presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no âmbito da pesquisa “Literatura infantil negra em sala de aula: debatendo a cor do silêncio”. Essa pesquisa foi realizada no componente curricular optativo Teoria e Prática da Literatura II (TPL II), em 2021, mediante 10 sessões de leitura de obras de literatura infantil negra (LIN), ancoradas na metodologia de leitura por andaimes (GRAVES e GRAVES, 1995). Após cada sessão, os discentes fizeram registros individuais em portfólios, expressando suas reflexões, sensações e aprendizagens sobre as leituras e discussões realizadas.

Este artigo objetiva investigar se os discentes, sujeitos da pesquisa, reconhecem possibilidades de contribuições da leitura de literatura infantil negra para a própria formação, bem como identificar a natureza dessas contribuições.

O estudo é de natureza qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994) e tem como *corpus* excertos do último registro em portfólios dos 52 discentes, sendo a análise ancorada nos princípios da análise de conteúdo (BARDIN, 1995).

Vemos a produção/veiculação de obras de literatura infantil negra como uma janela que se abre para “olhar o outro” - ou seja, olhar para os povos negros, a sua cultura e a sua história de luta. A publicação destas obras é uma das ações decorrente dos movimentos negros no Brasil em prol de reconhecimento e valorização da sua cultura, que ganha maior respaldo a partir da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), sendo a literatura uma das áreas definidas para a abordagem dos conteúdos referentes à História e Cultura

Afro-Brasileira.

Na contramão da importância da Lei supracitada, constatamos fragilidades quanto à sua efetivação, principalmente no âmbito do Ensino Superior. Segundo Araújo e Silva (2020), o volume de estudos que relacionam o currículo antirracista e o ensino superior é ainda 4 vezes menor, se comparado aos trabalhos e experiências no ensino básico. Esse dado reforça a importância de voltarmos a atenção para a formação docente inicial e continuada.

2 Delimitações teóricas

As ideias de Paulo Freire estão entre os pressupostos teóricos que alicerçam este estudo. Apoiados em seu ensinamento de que a educação é uma forma de intervir no mundo (FREIRE, 1996), pensamos ser possível que a ação educativa aconteça pelo viés da leitura de literatura. Entendemos ser a literatura a arte que se utiliza da palavra, uma manifestação universal de todos os homens, em todos os tempos (CANDIDO, 2011), que possibilita àquele que lê e, em especial, aos professores em formação inicial, o alargamento de sua compreensão acerca do mundo e do outro.

Em relação à presença da literatura no curso de Pedagogia, recorreremos às palavras de Amarilha e Saldanha para melhor elucidar a sua importância:

Diante da potência linguística, social, cultural e humanística da literatura, é imprescindível introduzir sua presença nos cursos de Pedagogia [...]. Acreditamos que um professor que conhece a relevância da literatura para a formação humana e degusta o texto literário estará mais preparado para formar leitores de literatura. (SALDANHA; AMARILHA, 2016, p. 395).

Quando falamos em mediação, estamos respaldados na concepção sociointeracionista de aprendizagem, entendendo que é pela interação com o outro que a criança, jovem ou adulto poderá alcançar conquistas que não conseguiria sozinho (VIGOTSKI, 2007). E, uma das conquistas mais almejadas pelas instituições de ensino em relação às aprendizagens dos educandos, é sem dúvida a aprendizagem da leitura e da escrita, um direito indiscutível.

Entendemos que a leitura do texto de literatura oferece ao leitor oportunidades de reflexão, auxiliando “na construção de sentidos, na ampliação de horizontes e na ressignificação de situações, tornando-se um poderoso instrumento de comunicação e de interação social” (FERNANDES, 2022, p. 114). Para Compagnon,

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio - alguns dirão até mesmo o único - de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p. 47).

É essa oportunidade de (re)conhecimento que enxergamos na presença da leitura de literatura infantil negra na formação dos discentes do curso de Pedagogia, na perspectiva de que se tornem educadores comprometidos com uma educação antirracista. Literatura esta que consiste no “conjunto de obras literárias produzidas para a infância que representa como tema central aspectos das histórias e das culturas dos povos negros, seja na diáspora ou no continente africano.” (CAMPOS; AMARILHA, 2015).

Para Cavalleiro, as desigualdades raciais não são necessariamente gestadas no ambiente escolar, mas nele ainda são disseminadas, assim como em outros setores da sociedade. Porém, reconhecemos ser a instituição escolar um ambiente privilegiado para favorecer “um conhecimento respeitoso das diferenças raciais, bem como dos indivíduos pertencentes a grupos discriminados” (CAVALLEIRO, 2001, p. 149).

Diante do exposto, convidamos o leitor deste artigo para enveredar pelas vozes dos discentes e pelas análises que tecemos sobre elas, na busca pelo que estamos chamando de “ecos da LIN”. Os dados foram classificados em quatro categorias, apresentadas no decorrer da análise.

3 Resultados e Discussões

Os discentes do curso de Pedagogia explicitaram que a participação no componente (TPL II) trouxe contribuições significativas para a **ampliação do repertório de leitura literária**, sendo este um aspecto fundante para formar leitores.

Ouvir histórias é incrível, abordar literatura negra na nossa formação é mais que uma urgência. Não só para levarmos para a escola, mas para abranger nosso repertório literário. A academia deveria se atentar também a ter referenciais bibliográficos cada vez mais negros.
(BRUNA)

Bruna defende a urgência de um processo formativo que inclua a literatura negra, de modo a contribuir com a construção/ampliação do repertório literário, não se restringindo apenas à sua atuação enquanto futura professora, mas também enquanto sujeito, leitora de literatura. Também sinaliza que no ensino superior a seleção de autores negros e temas étnicos-raciais é uma necessidade, demonstrando que esse nível de ensino pode possibilitar o conhecimento desses textos. Problematicando esse trecho, podemos nos questionar sobre: que autores negros a academia aborda? Que autores negros debatem a formação do pedagogo? Ou seja, é um excerto que, provocado de forma literária, interpela a formação inicial de modo claro e contundente, na busca por vozes historicamente silenciadas por razões políticas e sociais. Trata-se de uma voz que nos leva a considerar a canção de Clara Nunes, enquanto lamento formativo e acadêmico.

Especificamente sobre o repertório de literatura, Saldanha e Amarilha (2016, p. 388)

defendem que “[...] somente um professor leitor de vários textos e que goste de ler terá condição de desenvolver sua prática pautada em uma concepção transformadora de ensino que seja capaz de propiciar o pensar, refletir e agir sobre a realidade”. Dessa forma, se torna imprescindível o acesso à LIN por parte dos futuros pedagogos para que possam usufruir, primeiramente, enquanto leitores e, como consequência da proximidade aos textos, possam levar para a sala de aula.

Outra contribuição mencionada pelos discentes é referente à **ampliação de conhecimentos étnico-raciais**, que possibilitou a ressignificação de conceitos e a motivação para continuidade dos estudos sobre a temática:

*[...] finalizo esse registro me despedindo dessa disciplina maravilhosa, que me fez **enxergar novos horizontes e conhecer um pouco mais sobre as raízes desse povo negro, que foi apagada por ANOS.** (AMANDA - grifos da discente)*

Esse registro apresenta aspectos semânticos relevantes à elaboração de inferências. O primeiro deles é o reconhecimento de Amanda em relação à disciplina, considerando-a “maravilhosa”. Acrescenta-se a essa sentença as seguintes: novos horizontes e raízes desse povo negro. A articulação dessas expressões revela o quanto significativa, academicamente, foi a disciplina, pelo repertório de conhecimentos e a repercussão destes na compreensão dos sujeitos. Diz, portanto, o quanto é necessário trabalhar na formação inicial do pedagogo a literatura com temática africana, reconhece que a leitura e a discussão das obras possibilitaram o conhecimento sobre as histórias dos africanos e afrobrasileiros, silenciadas durante tanto tempo. Esse registro ressalta a potencialidade do texto literário em favorecer experiências de alteridade, possibilitando ao leitor o acesso a experiências do outro (COMPAGNON, 2009). Na leitura de LIN, os leitores aprenderam sobre as histórias e culturas de diferentes etnias retratadas, suas religiões e cosmovisões. Sua voz reforça a necessidade de formação docente sustentada por leituras provocativas, que ampliem seus conhecimentos.

Outra contribuição é sobre o: **reconhecimento das identidades negras**, como destaca Mara:

[...] sou grata por me desestabilizar e me fazer ressignificar minhas ideias e conceitos já construídos e intrínsecos em minha identidade. (MARA)

As palavras utilizadas, como desestabilizar e ressignificar demonstram que as leituras dialogam com as histórias de vida, com os processos identitários individuais e coletivos, favorecidos a partir de conhecimentos da ancestralidade (PARADISO, 2019). A leitura de literatura possibilita a reflexão sobre o mundo e o ser humano. Dessa forma, ao vivenciar esse processo, a discente conseguiu conhecer mais sobre si mesma e sobre a sua relação com essa identidade.

Em relação aos aspectos pedagógicos, outra contribuição foi a **aprendizagem com**

os pares articulada ao pensamento divergente, percebida tanto na formação pessoal, como em projeção à sua futura atuação como docente:

Deixo aqui mais uma vez, meus mais sinceros agradecimentos a turma inteira, pois sem vocês eu não conseguiria construir todas as reflexões que fiz durante o semestre, estar em grupo além de me acolher afetivamente, me fez aprender que as visões diferentes estão postas e temos que lidar com elas, e isso apenas nos engrandece. (LUCAS)

[...] Nesse momento, diálogo, discussão, partilha, o que for, precisa ser ecoado em atitudes, vivências, conversas e aulas, principalmente, aulas. Eu, enquanto futura professora, me sinto na obrigação de dialogar sobre isso com os alunos, levando os textos, promovendo diálogos a partir de abordagem e metodologias que cheguem e toquem esses de alguma maneira. (LUMA)

Com a expressão *visões diferentes*, Lucas destaca o quanto a discussão de literatura favorece conflitos sociocognitivos (FREITAS, 2005) relevantes, sobretudo em relação a temas candentes, como são as relações étnico-raciais. Luma, por sua vez, enfatiza a mediação na leitura de LIN, ao mencionar atividades pedagógicas, a exemplo da discussão, que assumirá quando docente envolvida com o tema em questão.

Os discentes perceberam que nos momentos de discussão dos textos, principalmente na pós-leitura, houve a valorização das suas vozes por parte da docente e dos demais discentes. Esse reconhecimento traz contribuições no âmbito das posturas que são construídas na formação de professores, no planejamento e na implementação das leituras de modo a promover espaços de diálogos democráticos.

A abordagem de visões diferentes nos leva a considerar o lugar da diversidade na escola e na sociedade de modo mais amplo. Como afirma Munanga (2022), a questão fundamental posta é: Como combinar diferença e igualdade para vivermos harmoniosamente? Em resposta a essa pergunta, o autor defende a associação entre a democracia política com a diversidade cultural fundamentada na liberdade do sujeito. Ao afirmar esse encaminhamento, o autor provoca mais ainda a nossa reflexão ao questionar: “Finalmente, de que temos realmente medo? Das diferenças ou das semelhanças escondidas atrás das diferenças? [...] Não há uma sociedade multicultural possível sem o recurso a um princípio universalista que permite a comunicação entre indivíduos e grupos social e culturalmente diferentes” (MUNANGA, 2022, p.127).

Na mesma direção, Gomes (2003, p.172) afirma que “os negros deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura, sua história, seu corpo e sua estética”, por esse motivo torna-se imprescindível práticas antirracistas na instituição escolar. Assim como Luma, para que outros futuros docentes se sintam mobilizados evidencia-se a importância dessas discussões na formação inicial.

4 Considerações finais

O processo formativo com abordagem da leitura de LIN, ancorada na andaimagem, oportunizou para os discentes contribuições de natureza pessoal e docente, quanto à ampliação de repertório de literatura, aos conhecimentos étnico-raciais, ao reconhecimento das identidades negras e aos modos de aprendizagem com os pares, articulada ao pensamento divergente.

Os dados também evidenciam a interface estabelecida entre leitura de literatura, formação inicial docente e as relações étnico-raciais. Dessa forma, reafirmam a necessidade da presença desses textos na formação inicial de pedagogos.

Referências

ARAÚJO, Danielle P. de; SILVA, Marcos A. B. da. O ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena no currículo dos cursos de pedagogia de duas instituições de ensino superior. In: **@rquivo brasileiro de educação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003.

CAMPOS, Wagner; Amarilha, Marly. A formação em literatura e a construção das identidades negras no ensino fundamental I. In: **Nuances: estudos sobre educação**. Presidente Prudente - SP, v. 26, n. 3, p. 141-160, set/dez. 2015.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (organizadora). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FERNANDES, Raquel Duarte. **Educação e Literatura infantil: a recepção docente à leitura de contos de fadas africanos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, UFRN. Natal, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREITAS, Alessandra Cardozo. **Literatura e educação: ação argumentativa na discussão de histórias**. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, UFRN. Natal, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2023.

GRAVES, M. F.; GRAVES, B. B. The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text. **Reading**, April. 1995.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes; AMARILHA, Marly. **Literatura e formação do pedagogo**: caminhos que (ainda) não se cruzam. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 12 - n. 2, p. 376-396 - jul./dez. 2016.

FERNANDES, Raquel Duarte. Educação e Literatura Infantil: a recepção docente à leitura de contos de fadas africanos. **Dissertação** (Mestrado em Educação).Centro de Educação, UFRN, Natal, 2022.

MUNANGA, Kabengele. O mundo e a diversidade: questões em debate. **Estudos Avançados** 36 (105), 2022.

PARADISO, Silvio Ruiz. **Religião e religiosidade nas literaturas africanas**: um olhar em Achebe e Mia Couto. Mogi Guaçu, SP: Beccate, 2019.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.